

pixies
DOOLITTLE



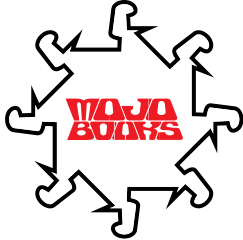
recontado por
MARCELO COSTA



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

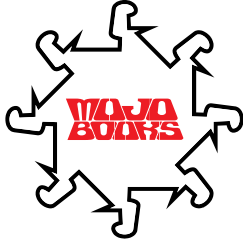
Danilo Corci
organizador



VOLUME 7

DOOLITTLE
pixies

recontado por **MARCELO COSTA**



VOLUME 7

DOOLITTLE **pixies**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

projeto gráfico e diagramação **Delfin**


revisão **Camila Kintzel**

Janeiro de 2007

*“if man is 5
then the devil is 6
then god is 7”*

Charles Thompson IV

PRÓLOGO



A primeira coisa que fiz após o silêncio do impacto da porrada foi olhar o relógio: 0h38m43s. Sempre fui muito dependente do relógio, e nessa hora até que ele foi útil: percebi que estava vivo porque seria uma tremenda inconseqüência divina um morto preocupado com as horas. Ou não? Na verdade, tentando juntar os fragmentos do episódio, tudo o que surge claro na minha memória não dura mais do que cinco segundos. Foi algo assim: porrada, impacto, relógio e... hospital. Bem, entre 0h38m43s e o hospital passaram-se mais do que cinco segundos... tenho certeza, mas não me lembro muito bem.


Minha memória sempre foi péssima para detalhes. Uma das coisas que me interessam quando leio uma reportagem é a maneira como o jornalista ambienta a história. A cor da roupa da pessoa, o que ela tem na mesa de centro, o besouro que pousa na janela, o raio que estoura no exato momento em que a pessoa que está respondendo uma pergunta fala uma grande bobagem. Gosto destes detalhes, mas acho impossível de reproduzi-los. Já fui tantas vezes a um mesmo lugar sem nem notar o ambiente,

que, quando um amigo chega e faz algum comentário do tipo “olha que legal é aquilo”, dou de ombros e finjo uma situação tão comum que para mim aquilo não chama atenção. Mas fico horas pensando em como não pude prestar atenção naquilo antes.

As pessoas que visitam a morte, mesmo que num pequeno espasmo de tempo, contam histórias fantásticas sobre a “viagem”: anjos, luzes, o céu clarinho, o Paraíso, a paz eterna. Desculpe-me, mas não tenho nada para contar. Amigos dizem que vacilei, que eu podia ter encontrado com Ele e pedido, sei lá, os números da loteria, o telefone da Scarlett Johansson e umas dicas de como conquistá-la (a bebida certa e a frase que ela espera ouvir do homem que ela irá considerar “O” escolhido). Mas foi tudo rápido demais. Quando vi, havia um poste se aproximando a toda velocidade do meu carro. Esperei que ele virasse, mas ele veio ao meu encontro e... 0h38m43s.



I.



Minha paixão por coisas absurdas começou com *L'Âge D'or*, o que sempre me fez pensar que, quando tivesse um filho, tomaria muito cuidado com as coisas que ele assistisse, ouvisse ou lesse. Como podemos esperar que uma criança cresça feliz e com os pensamentos em ordem após uma sessão de *Laranja Mecânica*, uma audição de Joy Division e uma leitura de *O Apanhador no Campo de Centeio*? Não se assuste. Pensava isso até descobrir que as crianças são muito mais cruéis que os adultos. Elas são inocentes, e existe coisa mais cruel do que a verdade dita de forma inocente? Os adultos passam a vida acumulando aulas de dissimulação, e todo esse aprendizado não serve pra nada quando uma criança olha em seus olhos e dispara uma verdade cruel. Disfarçamos, fingimos que não foi com a gente, pois tentamos esquecer que fomos crianças, que fomos cruéis um dia. E isso dói.

Sempre vi *L'Âge D'or* como uma ode às crianças que preservamos dentro de nós. Não faça essa cara, pois estou tentando ser sincero e ainda quero fazer bons amigos após isso tudo. Sei

que é uma maneira bastante controversa de lidar com violência gratuita, olhos sangrando e um casal se agarrando na lama em meio a uma multidão, mas tudo isso é tão infantil quanto a *Branca de Neve*. Mesmo aquela coisa de *Un Chien Andalou* é provocação, aquilo de cortar os olhos e tal. E todo mundo adora uma provocação. Alguns têm medo, mas há alguma coisa que nos seduz de uma maneira tão intensa que precisamos olhar. Uma criança olharia como se estivesse assistindo a uma cachorra parir seus filhotes ou ao Zangado reclamando que a Branca de Neve não dava bola para ele. E ela não dava mesmo. As crianças são mais fortes que os adultos.

Quando digo que me apaixonei pelo absurdo, estou sendo extremamente metafórico. Não precisa me levar tão a sério assim. Eu apenas gostava das músicas que as pessoas costumavam não gostar, dos filmes que ninguém queria ver e dos livros que poucas pessoas terminavam. Ah, e de camarão com jiló, uma especialidade desenvolvida na microcozinha do apartamento de meu irmão. Ele, o meu irmão, não está entre nós. Digo, não está entre nós nas Américas. Um belo dia de novembro ele juntou todas as suas coisas e decidiu que escalaria o Himalaia. Vou calcular: faz seis anos, onze meses, doze dias e vinte e dois segundos. Quando digo que ele não está entre nós, estou permitindo a possibilidade



de ele realmente não estar em nenhum dos cinco continentes. Sinto saudade daquela microcozinha.

Quando acordei no hospital, após o acidente, alguns amigos vieram me perguntar do meu irmão. Queriam um endereço, um telefone, um *e-mail*. Inventei alguns. Não queria que ele fosse encontrado. Quando me lembro dele, vejo meu oposto, um cara que abandonou uma carreira de sucesso para tentar beijar o céu. A vida em uma metrópole como São Paulo enlouquece a gente, pode acreditar no clichê. Não vou dizer que não sou louco, ou que sou. Deixo que você faça sua própria avaliação. Mas me assusto quando penso que estou nessa cidade, caminhando pela Rua Augusta, beijando sereias travestidas de prostitutas enquanto meu irmão só precisou aprender a lidar consigo mesmo. Ele não foi encontrado. Fiquei feliz com isso. Fico feliz com coisas mínimas. Só os loucos são felizes. Não estou dizendo nada, esquece.



II.

Além das horas no relógio, me lembro que sangue escorria da minha testa. Eu sangrava e pensava em duas coisas bastante antagônicas: quantos sacos de 400ml com todo aquele líquido perdido eu encheria em uma doação de sangue; e que belo banquete para um vampiro eu deveria estar parecendo. Tudo isso em menos de cinco segundos? Começo a duvidar de mim mesmo. Toda vez que me lembro do acidente, algum detalhe que havia passado despercebido pula saltitante em meu colo. Por exemplo: não precisei passar lá novamente para me lembrar que o bar em frente ao poste se chamava simplesmente Boteco. É claro que passei só para conferir se minha mente não estava me fazendo inventar um cenário, mas o Boteco continuava lá. Lembrei-me de outras coisas, mas vocês vão achar que estou mentindo. Eu vi um homem de rosto azul. Não disse que vocês não acreditariam?

Desde pequeno, poucas pessoas acreditavam em mim. Eu assustava os outros com minhas ditas maluquices. Houve um tempo em que eu falava com animais, e eles entendiam perfeitamente o que eu dizia. As pessoas ao meu redor achavam graça, no começo,





mas aquilo acabou se tornando um fardo para elas. E para mim. Eu fazia coisas que todos duvidavam que eu pudesse ter feito. Uma vez fiz um cachorro levar o jornal de meu vizinho na casa em que ele estava passando férias, no litoral. Assumo que isso foi um pouco de exagero, mas eu só passei o endereço e dei umas dicas de atalhos para que ele chegasse antes do pôr-do-sol e voltasse a tempo de pegar o jornal do dia seguinte. O que há de errado nisso? O atraso? A culpa não é minha. Se os jornais chegassem na noite anterior, meu vizinho poderia ter suas notícias toda manhã na porta de sua casa de praia; e ele nem saberia como o jornal foi parar lá. Provavelmente acharia que havia sido um tipo de brinde por sua assinatura, como realmente achou nos dois primeiros dias...

Imagino que você também não acredite em mim. Isso não me incomoda. Acreditar é para os fortes. E é preciso bastante desprendimento para acreditar no desconhecido. Quem ama o abismo precisa ter asas. Nietzsche era bastante desprendido. E forte. Mesmo assim, não vou provocar você com essa história de sobrenatural. Nada mais existe. Foi uma pedra no meio do caminho, um rio que passou em minha vida, essas coisas. Os animais ainda tentam chamar a minha atenção, mas eu olho para os lados como se estivesse procurando algo impossível de encontrar, e

eles rapidamente se esquecem de mim. Claro, isso só acontece depois deles ofenderem até a décima geração da minha família. O quê? Você achava que os animais eram educados? Tolice. Eles são tão toscos quanto nós. Fingem elegância, mas na primeira topada soltam um “puta que pariu”. Xingam você por uma manobra errada no trânsito, mesmo que sejam eles os culpados pelo seu erro. Chega a ser bonito e educativo. Isso não impede que macacos, ratos, pombos e deputados cheguem ao Paraíso. A porta está sempre aberta para todos.

A equação é muito simples: a gente nasce cruel, aprende a dissimular, passa a vida inteira pensando bobagens e disfarçando a crueldade, e morremos velhos e cruéis, dizendo que estamos cansados de estar vivos. É um círculo. Sabe aquele negócio da cobra que morde o próprio rabo? Então, algo assim. Não acontece com todos, mesmo porque a maioria das pessoas vive um placebo de vida. Os poucos que percebem a dissimulação dos deuses procuram ser cruéis para acertar uma dívida que nunca será paga, mas não podemos impedir que um devedor tente dormir com seus demônios satisfeitos, não é mesmo? Há quem pense que ao morrer estamos saldando todas as nossas dívidas. Bobagem. Sempre deveremos. Tentar pagar é o nosso destino cruel, do qual não consegui-



mos fugir, e com o qual alguns brincam. Mas, não, eu não estava brincando quando enfiei um poste no meio do motor do meu carro naquela noite. Era para ser um desabafo, sei lá.



MARCELO
COSTA



Acredito no Bem e no Mal. Na verdade, no Mal. O Mal é a existência de algo. Se tudo fosse Bem, seria tudo fofo o tempo todo. O que impede o Bem de se perpetuar é o Mal. A existência do Mal faz a vida ficar mais bela e ter sentido. Se fosse só Paraíso, qual a graça em buscar a Terra Prometida? Agora, cá entre nós: o Paraíso deve ser chato pra caralho. Eu acredito muito mais no Mal do que no Bem. Conheço pessoas que planejam segundo a segundo o que elas vão fazer durante o dia. Parece que tudo foi cronometrado; mas o inevitável sempre surge pra mudar os planos. E raramente é para o Bem. Não estou sendo pessimista. É só você consultar os gráficos e verá que, de 100% de assuntos inevitáveis, 82,5% são desagradáveis. Precisamos estar prontos para isso tudo. Não acredito em pessoas que se preparam para o Paraíso. Eu nunca me preparei para nada. Sempre acreditei que, no final, o Mal vence. Parece cinismo, mas é a mais pura verdade.

A última conversa de que me lembro antes de quase atravessar o vidro do carro era algo sobre o Bem e o Mal. Ela dizia que eu tinha um coração doce, e que me protegia cercado de



obscenidades. Achei uma definição bonita. Após dois anos e meio de relacionamento, um confronto intenso de personalidades e alguns beijos às cinco da manhã, ela havia encontrado a definição perfeita. Continuou:

- Ao contrário das pessoas comuns, o interessante em você não é descobrir o seu *dark side*. O que mais chama a atenção é esse seu lado duende, brincalhão e doce, que não mais que três pessoas devem conhecer.

- Você está chutando alto demais...

- Estou apenas incluindo seus pais na jogada. Eles não vão te entender, mas te conhecem melhor do que você mesmo. Sangue do seu sangue, esse lance é verdadeiro...

- Então tenho pena deles...

- Ah, lá vem você e seu lado cruel; e, enquanto dizia isso, ela me sacaneou com sua clássica imitação de filhinho mimado:

- Coitadinhos deles. Eles sabem que sou doce, mas são obrigados a conviver com o senhor mal humor...

Ela sempre foi boa em me envergonhar. Acho que isso foi uma das coisas que me atraíram nela... além das pernas.

De vez em quando penso no amor. Uma pessoa como eu não sabe amar, aposto que você pensou isso. Pode ser. Não quero enganar ninguém, muito embora você queira ser enganado. O



amor... não sei o que dizer. Gosto de estar ao lado dela. Será que isso resume alguma coisa? Você não acreditaria, mas eu já disse *i love you*. As palavras saem da boca como flechas. Quando você se apaixona, faz coisas que não faria normalmente. Como dizer "eu te amo". E soar sincero. Posso ser um grande canalha filha da puta, e a chance de isso ser verdade é imensa, mas, quando digo "eu te amo", não estou mentindo.

Tudo bem, vamos falar um pouco mais sobre Bem e Mal. Musicalmente falando, o Bem é o U2. Não, melhor: o Bem é o Coldplay. Bono é um cara no limite entre o bom mocismo e a falsidade. Dividiria uma cerveja, mas nunca daria a ele a chave da minha casa. Já Chris Martin... Sua voz, sua pose, se jeitinho todo fofo de ser. O Coldplay é a personificação do Bem. E o Mal seria o... Strokes? Não, eles são comportadinhos demais. Até usam terninhos. O Killers poderia representar o Mal. Com um nome desses e as bobagens que eles falam em entrevistas - mas aqueles tecladões bregas, não sei não... O Mal, na verdade, seria o Pixies. Porque o Pixies seduz você com aquela linha de baixo marcada e assoviável, mas para você continuar prestando atenção na melodia terá de engolir alguns riffs de guitarra envenenados, uma voz doente e letras surreais. O Pixies é o Inferno e o Coldplay é o Paraíso. Li em algum lugar alguém



dizendo que o politicamente correto foderia o mundo. Concordo. Mas, se tivesse de escolher entre o Céu e o Inferno, por qual lugar você optaria? Coldplay ou Pixies?



IV.

O dia foi incrivelmente chato no trabalho. Encaminhei alguns cheques que foram devolvidos para seus devidos bancos, e, enquanto procurava encontrar os treze reais que faltavam em meu caixa, o celular tocou. Era ele. Eu tremia toda vez que ele ligava. Minha “vizinha” de caixa sabia que era ele só pelo modo com que eu levava o celular ao ouvido após reconhecer o número no visor. Ela sempre me olhava com cara de reprovação. Ela sabia de tudo, porque eu precisava contar os detalhes para alguém, muito embora ela vivesse repetindo o bordão “poupe-me dos detalhes, poupe-me dos detalhes”. Eu poupava a todos, menos a ela. Acredito que precisamos dividir nosso fardo com alguém na vida, pois senão nunca vamos chegar ao fim. Não me pergunte o motivo dela ser a escolhida. Posso dizer que é porque ela tem olhos marrons, e não estaria mentindo. Adoro olhos marrons.

Havia alguma relação entre torta de maçã e os telefonemas dele. Toda vez que eu inventava de comer tortinha de maçã, ele ligava. Quando eu não comia, ele não ligava. Uma vez comprei, fiz que ia morder e não mordi. Fingi estar mastigando e me de-






liciando com a tortinha de maçã que permanecia intacta entre as folhas do guardanapo. Ele não ligou. Depois disso, deixei para comer tortinhas de maçã apenas quando quisesse realmente vê-lo - mas é claro que comi no automático algumas vezes, e, quando ele me ligava, a primeira coisa que eu pensava era: eu comi tortinha de maçã hoje? Sim, eu havia comido tortinha de maçã, e lá estava tocando o celular. Escolhi uma música bem calma para identificá-lo quando ligasse. Eu nunca ficava calma quando ele ligava. Dois anos e meio assim. Eu morria de medo dele, mas se ele percebesse isso, seria o fim. O mundo seria bastante diferente se todos fossem realmente as pessoas que são, e não aquelas que fingem ser.

Ele queria acertar alguns detalhes de alguma coisa que não entendi. A voz dele ao telefone era... sei lá, impossível de ser decifrada. Eu raramente entendia o que ele queria. E todas as vezes eu cedia e, ok, vamos nos encontrar mais uma vez. No fundo, eu adorava esse jogo. Me excitava, mas me transformava de uma maneira que nem eu mesma me reconhecia. Ele, por sua vez, era doce demais; e assustador. Ele tinha esses dois lados, mas poucas pessoas conheciam o primeiro. Na última vez que nos encontramos, eu chutei um número, três, mas só estava querendo parecer gentil. Saí pela tangente, colocando os pais

dele na jogada, e essa era a deixa para encerrarmos qualquer assunto. Eu fazia uma imitação fofa, ele ficava puto, e nós nos beijávamos. Não é perfeito? Ele acreditava que havia um demônio entre nós. Eu não questionava. Ele me dizia que eu era um anjo e que poderia voar.

Eu estava apaixonada, e sei que a culpa é toda minha. Quando você passa o dia todo mexendo com números, acredita que, no final, tudo vai acabar bem, porque matemática é uma ciência exata. No final, se você não tiver errado algo pelo caminho, passivo e ativo batem. E nem que você precise colocar uma grana do seu bolso por algum troco errado, o que vai para o fechamento do caixa é um valor correto. Eu acreditava que tudo ia acabar bem. Que, no final, Davi venceria Goliath. Ele era fascinado por imagens bíblicas, mas só deixava isso transparecer após muito vinho. Eu era fascinada por vinho, e só deixava isso transparecer após muitas taças. A gente já devia estar na terceira garrafa, nus, quando ele se levantou e disse que tinha um outro encontro. Havia passado da meia-noite, e eu não entendia como ele podia ter outros planos àquela hora. Seus olhos brilhavam. Eu disse que ele poderia ir, se me levasse junto. Ele topou. E, alguns minutos depois, tudo se acabou.

EPÍLOGO



A primeira coisa que fiz após o silêncio do impacto da porrada foi olhar o relógio: 0h38m43s. No segundo seguinte, olhei para o banco ao meu lado; não havia ninguém. Apenas silêncio. Tentei entender, mas eu não tinha muito tempo para pensar até que tudo desabasse. O que importava é que eu estava sozinho no carro e já havia olhado o relógio para marcar a hora exata da batida. Nos segundos seguintes meus olhos se encheram de lágrimas, e só então me dei conta de que havia arreventado meu supercílio no volante. Mais um segundo e... escuridão. Não sei onde estou.

Lembro-me, ainda, que o nome do boteco em frente ao poste era Boteco. Acho que ri enquanto o sangue caía. E também me lembro de um homem de rosto azul. Estou apenas contando o que vi, não precisa acreditar. O mundo inteiro mente, e isso é tão deslavadamente corriqueiro que, quando alguém se propõe a ser verdadeiro, pode passar por mentiroso. Passamos muito tempo procurando pela Terra Prometida e o que encontramos, afinal, foi uma terra de desconhecidos. Sou a favor da justiça pelas próprias mãos. Tudo se resolveria com muito mais rapidez se pudéssemos

quebrar o braço do culpado em três partes. Rápido e dolorido. Quem esqueceria?

Um milésimo de segundo antes de apagar, ouvi a voz dela. Podia ter sido um sonho. Eu podia estar em um estado avançado de percepção causado pela *marijuana*, pela pancada ou pelas últimas taças de vinho. Ou pelo significado das palavras. Desde o dia em que a conheci, e até esse momento inclassificável em que o tempo parou para que eu pudesse entender tudo, ela nunca havia pronunciado uma frase que resumisse o sentimento que nos unia. Ambos sabíamos que uma declaração como aquela seria o fim de tudo. Assim que fechei os olhos fui beijado pelo demônio. Era uma visita rápida, mas eu sabia que o pior ainda estava por vir. E que eu estaria sozinho. Ela tinha todo o direito, mas pela primeira vez na minha vida entendi o amor. Acontece, como uma batida violenta em um poste a mais de 100 km/h. E alguém morre. Alguém sempre morre, mas a vida segue... até o fim.

FIM



SOBRE A BANDA

Na chuvosa Boston, nos Estados Unidos, surgiu, em 1986, o Pixies. Formado por Charles Thompson (vocalis e guitarra) – mais tarde Black Francis, às vezes Frank Black –, Joey Santiago (guitarra), Kim Deal (baixo) e David Lovering (bateria), a banda começou a chamar a atenção da imprensa em 1988 com o disco *Surfer Rosa*, considerado o álbum do ano por boa parte da crítica musical. Após uma turnê elogiada, o conjunto gravou *Doolittle*, seu disco de maior sucesso de público e crítica – de quebra, uma das canções ainda conseguiu ser um *hit* radiofônico, *Here Comes Your Man*. Após uma carreira consagrada pelo público indie, a banda acabou oficialmente em 1992 – devido às “diferenças musicais” entre Kim e Frank –, mas voltou para uma turnê mundial em 2004. Referência em qualquer discoteca básica de rock, o Pixies foi o mentor do movimento *grunge*, surgido no início da década de 1990.

CRÉDITOS ORIGINAIS:

DOOLITTLE - PIXIES

Design por Vaughan Oliver

Lançado em 19 de abril de 1989

Selo: Elektra / WEA

Produzido por Gil Norton

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.4ad.com/pixies

SOBRE O AUTOR

Marcelo Costa é formado em Comunicação Social pela Unitau (Universidade de Taubaté) e atua na área de jornalismo desde 1999, tendo passado pelos três maiores portais do País (iG, Terra e UOL) e pelo saudoso jornal Notícias Populares. Atualmente é editor de capa dos sites iG/iBest/BrTurbo, editor do site *Scream & Yell* e colunista do iG Música (<http://revolution.blog.ig.com.br>).

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

7 DOOLITTLE

PIXIES

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DEBASER
2. TAME
3. WAVE OF MUTILATION
4. I BLEED
5. HERE COMES YOUR MAN
6. DEAD
7. MONKEY GONE TO HEAVEN
8. MR. GRIEVES
9. CRACKITY JONES
10. LA LA LOVE YOU
11. NO. 13 BABY
12. THERE GOES MY GUN
13. HEY
14. SILVER
15. GOUGE AWAY

